

O agronegócio é o seguinte

Terceira grande renegociação

RECENTEMENTE, FOI criado um grupo de trabalho do endividamento (GT), do qual fazem parte parlamentares e técnicos da Comissão de Agricultura da Câmara (Capadr). O resultado disso foi a elaboração de uma proposta que recebeu o nome de Programa de Reestruturação do Passivo Rural Brasileiro. A intenção é viabilizar as negociações das dívidas acumuladas pelos assentados da reforma agrária, agricultores familiares, pequenos, médios e grandes produtores rurais. O montante envolvido é de R\$ 70,19 bilhões.

É a terceira grande renegociação. A primeira foi em 1995, com a Securitização, seguida pelo Pesa e pelo Recoop. Depois, em 2001, com o agrupamento desses três programas, a agricultura caminhava em crescimento mas, nas safras 2004/05 e 2005/06, veio a crise de renda, muito em conta das adversidades climáticas e da valorização do real em relação ao dólar.

O objetivo, agora, é readequar as dívidas vencidas e propor melhores prazos e condições de pagamento, além de bônus que servirão de estímulo para o produtor antecipar a quitação de suas parcelas. O anteprojeto é inovador e apresenta soluções realizáveis para limpar a nuvem escura que paira sobre o setor rural do País. Uma forma de olhar à frente, pois a solução do problema do endividamento é um passo certo para desenvolver o agronegócio brasileiro.

Enquanto isso, o Brasil sai de uma safra 2006/07 recorde de produção de cereais e oleaginosas. Houve recuperação de renda, mas não suficiente para cobrir os estragos dos últimos dois anos. Estamos no início da safra 2007/08, o tempo de retomar espaços perdidos, principalmente na soja. No algodão, os números são auspiciosos nos contratos de vendas antecipadas e a produção deverá crescer. No milho, o resultado também é positivo, com os maiores embarques desde 2001. Se o clima ajudar, a nova temporada será de grandes quantidades. Como a logística administrará esse volume?

Dois fatores pesam muito no comportamento das internacionais. O primeiro é a febre do etanol nos Estados

Unidos, há quase um ano. Seus efeitos tiveram repercussão mundial. Maior demanda de milho e menor área de soja. O preço de ambos os produtos sobe e o Brasil sai como grande beneficiado. Com custos de produção elevados, teríamos dificuldades para escoar a nossa produção. Um segundo ponto é o aquecimento da demanda em dois gigantes asiáticos, a China e a Índia.

Do lado externo, tem-se a força dos pequenos ruminantes, como ovinos e caprinos, como alternativa para o desenvolvimento rural da Europa e na oferta de proteína animal para os países mais pobres e em desenvolvimento. As estratégias são diferentes entre os continentes. Na pecuária de corte, as especulações em torno das emissões e resgates de carbono clamam por comprovações mais científicas. O debate desse assunto está no começo e deve chamar a atenção da opinião pública internacional.

Quanto aos biocombustíveis, há o nobre exemplo da Suécia, que avança em sua meta de matriz limpa para o cenário 2020. Enquanto os demais países do continente europeu hesitam na adoção de uma série de medidas para reduzir o consumo de combustíveis fósseis, os suecos colocam em prática ações de consciência ambiental. Nesse aspecto, é o país mais desenvolvido do mundo. Um parceiro estratégico para o Brasil.

Para terminar, *Agroanalysis* traz, nesta edição, matérias sobre sustentabilidade e rastreabilidade, dois temas em voga. Fica o registro do lançamento do Agronegócio Responsável (Ares), por diversas entidades representativas do setor. Também muito importante, devido à sua implicação com as atividades do campo, é a discussão de dois assuntos jurídicos: o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos; e a Lei nº 10.267, de 28 de outubro de 2001, conhecida nos meios da engenharia da mensuração como a **Lei do Georreferenciamento**. ■